

NOTA DO EDITOR

REGRESSAR A UM LUGAR ANTIGO

Uma metáfora conhecida acerca da impermanência da vida humana representa a vida como um texto escrito na água, alertando para a força da finitude humana contra as ilusões de infinitude e futurismo. Este é o tema do artigo de Laura Ferreira dos Santos, contextualizado no cenário do mundo de hoje, com a discussão de que a cultura ocidental moderna mergulhou profundamente no esquecimento da morte, alienando a educação para a morte como uma forma de valorização e consciência da vida. A discussão contempla também a controvérsia da morte assistida e uma passagem do artigo, ‘há uma diferença essencial entre estar vivo e ter uma vida’, não é apenas particularmente sumativa desta questão contemporânea, mas é semelhante a um salmo antigo da religião sobre o significado da vida, podendo aparecer de muitas formas, mas ensinando, em qualquer caso, que viver a vida é muito mais do que simplesmente estar aqui.

Desta forma, o debate de hoje pode ser visto não tanto como um confronto entre religião e secularismo, mas como o facto de que vivemos, na nossa época, uma mistura entre cultura tecnológica e a persistência do arcaico da morte. Morrer é regressar a um lugar antigo, porque continuamos a morrer no mesmo desconhecimento da razão de estar aqui que tiveram todos aqueles que nos precederam no mundo. Uma alegoria medieval dizia que, no dia em que nascemos, uma flecha foi atirada contra nós, passaremos toda a vida a fugir dessa flecha que um dia, finalmente, se encontrará connosco. A morte nasce com cada um

de nós, não pelo puro facto de sermos mortais, mas porque a flecha da vida não para e não há futuro que não seja o encontro com um regresso. Secularistas e religiosos têm diferentes visões sobre a eternidade desse caminho, mas, para todos eles, o pensamento de Laura Ferreira dos Santos é uma profunda reflexão científica de que precisamos ser melhor formados nesse tipo de educação.

Por sua vez, Filipe Arantes-Gonçalves discute o luto e a depressão, do ponto de vista dos avanços atuais na relação entre a psicanálise e as neurociências, reunindo perspectivas neuroevolutivas e neuroimagiológicas, enquanto Mário Andrade dos Santos apresenta uma reflexão simultaneamente crítica e mitopoética sobre o modo como a mente humana responde ao sofrimento e, em particular, como sofrimento e transformação são inseparáveis um do outro.

No texto seguinte, Maria de Fátima Toscano explora a experiência social feminina da pobreza, com uma abordagem extensiva e erudita do pensamento sociológico de Talcott Parsons, contribuindo para a discussão canónica acerca da tensão entre ação e sistema social, na sociologia parsoniana.

Os três últimos artigos, de Teresa Simões Gomes, Ana Botelho de Sousa e Eduardo Campos, coassinados, nesta ordem, pelos respetivos orientadores científicos, Sónia Guadalupe, José Henrique Dias e Susana Ramos, ocupam a área da revista dedicada a dissertações e investigação de 2º Ciclo realizada no Instituto Superior Miguel Torga de Coimbra.